



## A Escolha dos Fracos

### A Vara de Equilíbrio

Desde o nascimento nos apoiamos em alguém. Dependemos de outras pessoas. Somos alimentados, protegidos e acarinhados. Em troca passamos a amá-las.

Conforme crescemos, nossa dependência torna-se menor, muitas vezes seus cuidados excessivos nos sufocam, queremos respirar, correr riscos, trilhar sozinhos os incertos caminhos da vida. Mas só temos essa coragem porque sabemos que na retaguarda há alguém, pronto a nos socorrer caso a situação fuja do controle.

Esquecemos que pais e mães têm maior probabilidade de morrer antes dos filhos e, quando isso acontece, ficamos perdidos, desequilibrados. Felizmente a esta altura da vida já cultivamos outros relacionamentos, nos quais, apesar de não muito confiáveis, nos apoiamos. Até que um dia, ele ou ela, aparece e, junto, o amor, o mais precioso dos sentimentos. Encontramos a pessoa para substituir a mãe ou o pai. Novamente temos uma vara de equilíbrio. Já podemos andar tranquilos na corda bamba da existência e tornar-nos o que a sociedade costuma chamar de “uma pessoa equilibrada.”

Sentimo-nos seguros, porém continuamos dependentes. Agora da pessoa com a qual compartilhamos nossa vida. Sua presença, seu amor são o que nos mantém firmes e confiantes em nossa caminhada, sem saber que não somos donos da vontade da vara de equilíbrio que ora usamos. A qualquer momento ela pode querer servir a outro equilibrista ou, como nossos pais, desaparecer desta atividade planetária chamada vida.

Aqueles que na infância só foram apresentados à beleza e ao perfume das rosas, ao serem feridos por seus espinhos, perplexos por

não conhecerem a dor, ao invés de aprenderem com ela procuram o caminho mais fácil - a fuga. Descubrem no álcool, nas drogas, um refúgio onde encobrem sua covardia na hora de enfrentar sozinhos a linha sobre o abismo.

Descrevo esse quadro porque vivi esse drama. Quando a mulher que eu amava morreu, quis ter morrido junto, mas a vida ainda me queria e foi no álcool que procurei fugir da realidade que me causava tanta dor. Destino: Fundo do poço!

Hábitos básicos como tomar banho, cortar unhas e usar roupas limpas logo foram esquecidos. Uma rotina macabra norteava meus dias: Arranjar dinheiro, comprar cachaça, comprar cachaça, arranjar dinheiro.

Algum Paulo, guerrilheiro entrincheirado entre neurônios revoltosos que não se deixaram dominar pelo insinuante inimigo, reagiu, fazendo com que eu observasse meus companheiros de infortúnio. Percebi que todos em algum momento de suas vidas também haviam perdido sua vara de equilíbrio e que iriam apodrecer em sua covardia. Se eu não esboçasse uma reação iria pelo mesmo caminho.

Decidi reagir, sair daquele poço. Sua escola não tinha mais nada mais a ensinar. Era hora de voltar a ser um homem capaz de andar na corda sem precisar de uma vara de equilíbrio. Voltaria a amar? Talvez!

Mas primeiro teria que amar a mim mesmo. E se por acaso resolver dividir parte deste amor com outra pessoa, não permitirei que sua presença torne-se requisito imprescindível para minha felicidade. Aí sim, nada, a não ser minha própria vontade, poderá me derrubar.